

VOL. 8, Número 1
DEZEMBRO 2017

PENSAMENTOS

Se..., Não...

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE
E PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA



Se..., Não...

Revista Portuguesa de
Psicanálise e Psicoterapia
Psicanalítica

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Editor / Publisher

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Director / Director

Carlos Amaral Dias, PhD

(Professor Catedrático; Psicanalista e Presidente da Comissão de Ensino da AP)

Editor Chefe / Editor in Chief

Ana Almeida

(Psicanalista; Membro Titular da AP)

Co-edição /Co-editors

Alexandra Medeiros, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Catarina Rodrigues, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Patricia Câmara, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Isabel Botelho, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Conselho Editorial / Editorial Board

António Alvim, MSc

(Psicoterapeuta Psicanalítico; Fundador e Associado da AP);

Ana Batarda, MsC

(Psicoterapeuta e Terapeuta Familiar; Fundador e Associado da AP);

João Pedro Dias MSc

(Psicólogo Clínico; Fundador e Associado da AP);

João Ferreira, MSc

(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

Elisabete Fradique, MSc

(Psiquiatra e Psicoterapeuta; Fundadora Associada da AP);

Filipe Arantes Gonçalves, MSc

(Psiquiatra, Psicoterapeuta; Fundador e Associado da AP);

Camilo Inácio MSc

(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

Ângela Lacerda Nobre, PhD

(Doutorada em Gestão; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Setúbal, Fundadora e Associada da AP);

António Mendes Pedro, PhD

(Visiting Professor da Universidade Paris XIII e Professor Associado da Universidade Autónoma; Psicoterapeuta, Psicanalista e Psicossomático; Fundador e Associado da AP);

José de Matos Pinto, PhD

(Psicólogo Clínico; Professor Coordenador da ESE de Coimbra; Fundador e Associado da AP);

Isabel Plantier MSc

(Psicoterapeuta Psicanalítica; Associada da AP);

Clara Pracana, PhD

(Psicanalista, Professora Convidada do Instituto Superior Miguel Torga, do ISMAT e do ISPA; Consultora; Fundador e Associado da AP);

Manuela Gonçalves dos Santos, MSc

(Grupanalista; Fundador e Associado da AP)

Carlos Alberto Afonso, PhD

(Professor Associado do ISPA; MFAPA e MFTPP da AP)

Conceição Almeida, MSc

(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

Maria do Rosário Belo, MSc

(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

José Henrique Dias, PhD

(Professor Jubilado da UNL; Director da Escola Superior de Altos Estudos do ISMT);

Maria do Rosário Dias, PhD

(Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz; Fundadora Associada da AP);

Jorge Caiado Gomes, PhD

(Professor da Universidade Atlântica; Fundador Associado da AP);

Mário Horta, PhD

(Psicanalista; Membro da Direcção da AP);

João Justo, PhD

(Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa);

Michael Knock, PhD

(Professor Associado do ISMT; Teólogo);

António Coimbra de Matos, MSc
(Psicanalista; Psiquiatra; Presidente da Direcção da AP);

Carlos Campos Morais, MSc
(MFaPA da AP, Investigador-Coordenador apos. do LNEC, Membro Emérito da Academia de Engenharia);

Cristina Nunes, MSc
(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino e da Direcção da AP);

José Gouveia Paz, PhD
(Professor Auxiliar da UAL; Psicoterapeuta);

Henrique Garcia Pereira, PhD
(Professor Catedrático do IS; Escritor);

José Carlos Coelho Rosa, MSc
(Psicanalista; Vice-Presidente da Direcção e Membro da Comissão de Ensino da AP);

Ana Vasconcelos, MSc
(Pedopsiquiatra; Membro da Direcção e da Comissão de Ensino da AP)

Conselho Editorial Internacional/ Internacional Editorial Board

Nancy Burke, PhD
(Associate Professor of Clinical Psychiatry and Behavioural Science in Northwestern University Feinberg School of Medicine – Chicago);

Rochelle Suri, PhD
(Licenced Marriage & Family Terapy; Associate Director of the International Journal of Transpersonal Psychology – San Francisco – California);

Judith Parker, PhD
(Psychoanalyst in private practice) – Beverly Hills – California);

Lynn Somerstein, PhD

(Director of the Institute of Expressive Analysis; Book Review Editor Psychoanalytic Review;
Psychoanalyst in Practice – New York);

Sandra Segan, PhD

(Member of the WMAAPP (Western Massachusetts and Albany Association for Psychoanalytic Psychology; Psychoanalyst in Practice-New York)

«Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica. Contudo, também são aceites, de forma complementar, textos que exprimam a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e as diversas facetas do Desenvolvimento Humano

© 2017, AP – Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

TÍTULO

Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

CAPA

Maria Soromenho

PAGINAÇÃO/IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Manuel Oliveira

DEPÓSITO LEGAL - 314677/10

ISSN - 1647-7367

DATA DE EDIÇÃO DIGITAL

1.^a edição, Lisboa, Dezembro de 2017

Índice

Editorial	11
Ana Almeida & Equipa Editorial	
Saúde mental, amor e psicanálise: Uma breve reflexão	13
Rui C. Campos	
Psicanálise sem divã?	21
Catarina Rodrigues	
Caos, movimento e criação	33
Vitor Moreira	
Apresentação de um caso prático à luz da teoria bioniana	41
Marta Reis	
De Hamlet a Édipo: A encenação da neurose infantil	65
Alexandra Medeiros	
Para além do pensamento cartesiano	113
Carlos Fernandes	
Sobrevoando o primeiro olhar psicanalítico da neurose obsessiva	131
António Alberto R. Surrador	
Insucesso escolar e psicanálise - uma revisão teórica	155
Maria João Valgôde	
Uma psicanálise a céu aberto Então a freguesia, diga-me lá o que a traz por cá?	173
Ricardo Gameiro Mendes	
Instruções aos Autores	185

Uma psicanálise a céu aberto Então a freguesia, diga-me lá o que a traz por cá?¹

Ricardo Gameiro Mendes

Membro fundador associado da AP
ricardogameiromendes@gmail.com

RESUMO

Como é que a comunidade se apresenta, como é que ela fala e do que fala? Que urgências subjetivas e sociais grita hoje a minha freguesia? Num consultório com 20 Km², como é o caso do da Freguesia de S. Domingos de Rana, por onde devemos começar a nossa intervenção, que mal-estares devem ser priorizados, onde e como devemos intervir? Como conciliar uma ciência caracterizada pela singularidade e subjetividade, com algo amplo como um grupo de pessoas num determinado território? Como entender a aplicabilidade de um método de trabalho que enfatiza o valor da experiência emocional de uma dupla com uma abordagem mais social?

Com este artigo, pretendo refletir sobre a Psicanálise não só como uma abordagem clínica, mas fundamentalmente como uma possibilidade teórica e técnica específica que pode contribuir para uma compreensão e intervenção fora do *setting* tradicional. Como na Fregue-

¹ Publicação adaptada da comunicação com o mesmo nome apresentada no Colóquio - Psicanálise: Integração e Aplicação, ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 20 e 21 de outubro de 2017.

sia não existe divã, o *setting* analítico clássico não se adequa, por isso a minha psicanálise tem sido a Céu Aberto.

Palavras-chave: Psicanálise; Intervenção Comunitária.

Pensar sobre Psicanálise e Comunidade pode, ao princípio, parecer ser um paradoxo, pois de um lado tem-se o individual e do outro o colectivo. Como conciliar uma ciência caracterizada pela singularidade e subjetividade com algo amplo como um grupo de pessoas num determinado território? Como entender a aplicabilidade de um método de trabalho que enfatiza o valor da experiência emocional de uma dupla com uma abordagem mais social?

Ao lidarmos com o inconsciente e com as relações humanas, ficamos desde logo imersos no espaço político e, portanto, nunca podemos desconsiderar o mal-estar na civilização na ética da nossa acção. A vontade de decifrar os males provenientes em sociedade presentes no discurso do Outro e nos modos simbólicos de existir constituiu desde sempre um desafio à praxis da psicanálise.

Na construção da sua teoria, Freud (1921, 1927, 1930 [1929]) teve em muita consideração as consequências psicológicas do mal-estar na sua época a censura, o recalçamento, a inibição, a repressão, a culpa, os fenómenos conversivos histéricos, a fobia, em suma, a neurose foi o valor paradigmático para as suas formulações sobre o funcionamento psíquico. No palco da sua comunidade estavam em cena peças que falavam sobre o início da rotura aos ideais da sociedade patriarcal. A sociedade do dever e da disciplina, que dizia o que fazer, onde tudo estava estabelecido e organizado a priori, estava a começar a desvanecer-se. Quando lemos os guiões que nos foram legados do passado somos também convidados a imaginar o presente político e cultural dessa comunidade.

Reportando à atualidade, que urgências subjetivas e sociais grita hoje a nossa comunidade? Quais as consequências do mal-estar da época em que vivemos para o funcionamento psicológico dos indivíduos? Que interioridade psicológica resiste e existe na sociedade atual sem os muros de outrora? Como poderá a escuta e o contato psicanalítico ajudar no mal-estar da nossa comunidade?

Com o propósito de pensarmos a Psicanálise não só como uma abordagem

clínica, mas fundamentalmente como uma possibilidade teórica e técnica específica que pode contribuir para uma compreensão e intervenção fora do *setting* tradicional, proponho uma análise e reflexão sobre as três seguintes dimensões:

- a) A comunidade, os seus atores e as suas dores;
- b) Uma psicanálise a céu aberto;
- c) A transferência e as suas múltiplas moradas.

A COMUNIDADE, OS SEUS ATORES E AS SUAS DORES

Hoje, assistimos no palco da sociedade atual a alterações significativas que obrigatoriamente tem que ser pensadas (Dolto, 1989; Branco, 2000; Foucault, 2005; Winnicott, 2005). O que antes funcionava como ideal universal do mundo ocidental fragmentou-se, pluralizou-se. Com o colapsar das hierarquias representadas pelas instituições tradicionais, Família e Igreja e, eventualmente, o Estado, a preponderância dos paradigmas que sustentavam os ideais e, até então, balizavam o psiquismo, parece ter perdido a sua força.

Quando observamos a comunidade atual, reparamos que a família em muitas situações já não é o principal agente central da socialização, da formação da identidade e da subjetividade. Educar e cuidar requer parar, movimento que parece contrário ao imposto pela contemporaneidade.

Hoje o rendimento e a produtividade parecem ser atores principais! Apela-se à motivação, à iniciativa, ao projeto e ao empreendedorismo! O encorajamento dos impulsos narcísicos parece estar a precipitar o sujeito do rendimento na depressão e no esgotamento (Foucault, 2005; Byung-Chul Han, 2014).

Corre-se contra o relógio, tenta-se dar conta de uma série infundável de compromissos que parece não termos escolhido, mas que se impõem a nós. É insuportável esperar! É insuportável olhar para dentro! A velocidade vira

companhia, o silêncio intolerável e com este guião a vida deixa de Ser Sonhada! Na comunidade assistimos à emergência das instituições formais como espaços de contenção e de organização do Eu. Dentro dos seus muros tentam oferecer suporte aos efeitos nefastos da pós-modernidade, onde a solidão parece estar a constituir-se como marca existencial da humanidade.

As histórias dos idosos, a ação dos adultos, as aventuras dos adolescentes e o brincar das crianças parecem já não se encontrar à mesa para falar. Hoje, os muros de betão parecem não permitir a exploração, o brincar e a relação, a ambição é a hipersegurança e a ditadura na liberdade do pensamento e da ação. Paralelamente, as redes sociais, que se apresentam como espaço de liberdade, convertem-se num grande panóptico, a montra de exibição da transparência humana (Byung-Chul Han, 2014).

O prazer solitário de nos fazer extasiar diante da surpresa, da novidade, do diferente, do Outro, parece ser atropelado pelo igual, pelas multidões que obedecem às ordens inquestionáveis de um comando que indica de fora o que deveria ser visto e admirado por dentro. Perante a massificação, o desejo interior perde reflexão e o indivíduo ao não estar em relação perde-se na sua solidão. Despojado da sua singularidade aprisiona-se à superficialidade, perdendo a sua identidade e historicidade.

Hoje, parece existir pouca disponibilidade para parar, um medo gigantesco em pensar, o que interessa é avançar. Parece que vivemos um presente contínuo, onde enclausurámos o passado, a história e a memória, ficando condenados a repetir e, por consequência, incapazes de nos projetar no futuro. Ajudar a comunidade a refletir quando a ordem instalada é de não pensar e agir pode ser uma ocasião inaudita para uma mudança de posição para os que pensam o mal-estar na civilização.

Na comunidade observamos o desespero do desempregado, que luta para não ser apenas um número estatístico. Observamos o esforço dos técnicos de intervenção social para responderem às necessidades da materialidade e da adaptação. Observamos a urgência e o sem sentido, a frustração e a exaustão. Observamos o burnout e a perpetuação das patologias da dependência dos utentes.

Observamos a impotência dos professores, o que poderão eles ensinar a quem

não vem preparado para ouvir as letras e os números? O que poderão eles ensinar a quem vem com fome de amor e identificações? O que poderão eles ensinar a quem ainda não tem os nutrientes para querer conhecer o mundo? O que poderão eles ensinar se o aluno transfere o seu mal-estar e solicita um cuidar primário?

Nas escolas encenam-se peças sobre o mal-estar da sociedade e da dor da singularidade. Perante o desnorte de sentido: a disrupção e o acting, a ansiedade e a depressão, os professores esforçam-se e desesperam-se para manter a sua humanização!

No palco, na comunidade, nós, os psicólogos, tentamos manter o espírito da nossa profissão, tentamos não ser também engolidos pela estatística económica e social em que todo o ser humano que for um número adaptado é “normal”. Lutamos porque estando perto e em relação, no reflexo do olhar, ninguém é normal... todo o Ser é único e indivisível!

Hoje, é indiscutível que, no plano comunitário, se encenam sobretudo as patologias da sobrevivência, narcísicas e da dependência. A neurose parece não ser tão evidente, em cena parece estar o agir, a vergonha e muitas vezes o medo e ódio ao humano. Neste cenário, levantam-se novos desafios para a técnica? No entanto, tal como na época de Freud (1919 [1918]), o desafio mantém-se: perceber os indivíduos que hoje habitam o mundo, agora global, liberal, sem tradição e valores. Que indivíduo é este da globalização, a que pressões está sujeito? Se a socialização, a subjectividade e a identidade dos indivíduos muitas vezes já não acontecem na família e na escola como prolongamento mas como substituição, então como se formam estas personalidades e identidades subjectivas? Que características apresentam estes indivíduos?

UMA PSICANÁLISE A CÉU ABERTO

Aqui, na Comunidade somos convidados a sair do conforto do nosso consultório! A fazer o movimento contrário ao da sociedade, a sair de entre os muros! Arregaçamos as mangas, vamos também nós para o palco, para comunidade, vamos ouvir os seus atores e as suas dores. Sem os muros do

nosso consultório, enfrentamos a violência da precariedade social, ouvimos os pedidos que vêm da rua, enfrentamos as resistências da dor que ainda não consegue falar para pedir ajuda.

Na rua ouvimos o mal-estar das pessoas, das famílias e das instituições! Ouvimos os seus pedidos de ajuda! Ouvimos as falas quotidianas e agidas da comunidade. Esperamos, não interpretamos, com sensibilidade aguardamos conseguir entender e subjetivar o pedido! Qual a motivação explícita e inconsciente? Que outros pedidos poderão estar enclausurados? Existe dor depressiva para dar voz a um verdadeiro desejo de mudança e transformação? Ou pelo contrário, o apelo é à materialidade e à adaptação?

Sem os muros do nosso consultório, estas nossas dúvidas abrem outras potencialidades, a de nos permitir movimentar pela comunidade, conhecer o território e a sua social especificidade. Vamos indagar a realidade! Vamos ouvir Outros que, com a sua dor, possam estar a causar ou a manter a dor do paciente sinalizado? Vamos perceber se o problema identificado pode também conter em si uma dor social?

Munidos de instrumentos de subjetivação, devemos estar preparados para escutar a crueza da realidade e atentos para interpretar os seus diferentes pedidos de ajuda. O importante aqui não é darmos conta dos sistemas sociais ou culturais da comunidade, mas da matéria psíquica individual e grupal com os quais estes se constroem (Branco, 2000).

No palco da comunidade, como dentro dos muros do nosso consultório, vamos enfrentar resistências! A nossa escuta vai ser solicitada, na maioria das vezes muito desejada, mas inevitavelmente vai criar receios, desconforto e angústias persecutórias e paranóides no Outro. A resistência do singular e do grupal mostra-nos a infecção do clivado e do recalcado, aquilo que ainda não pode ser tocado.

Vivenciamos frustração na convocação de terceiros, na burocratização, na precariedade psíquica, económica e física. Observamos os movimentos dos grupos de aproximação e afastamento de outros, a quem ficam atribuídos todos os males. Observamos que a pulsão de vida, ao tentar impedir que a pulsão de morte cumpra o seu destino de destruição, causa tensão. Estando também no palco, percebemos que a nossa neutralidade nem sempre será

possível.

É possível que sejamos pressionados, em primeiro lugar por nós próprios, mas também por outros, para objetivar com rapidez o mal-estar da comunidade. Para construir com urgência conceitos e definições específicas para uma determinada problemática. Mas, se estivermos nesta posição, estaremos sempre condenados ao insucesso e à frustração! Perderemos a distância e a neutralidade reflexiva e também nós seremos engolidos, pelo cansaço, pela depressão, pela patologia, pela economia!

Mais do que intervir, num primeiro momento, é necessário ouvir, acolher e perceber, dar voz à fantasia e ao inconsciente do pedido. Como é que a comunidade se apresenta, como é que ela fala e do que fala, o que ela transfere para nós. Onde observamos o mal-estar na freguesia? O que liga, o que une as pessoas e as famílias? O que liga as instituições e a rede social, os moradores do bairro e os habitantes da Freguesia? Sempre atentos às expressões simbólicas do real e não só fotografia da realidade, devemos subtrair o consumo da negatividade atópica do Outro.

A significância interna e conseqüente transformação advirá no momento seguinte com a palavra e com a definição do espaço de escuta e da intervenção, seja ela preventiva ou terapêutica. Organizando espaços terapêuticos, grupos de discussão e dinâmicas de grupo, consultadoria e supervisão, palestras ou formações, podemos criar condições para aceder e trabalhar processos transferências vividos e desbloquear conflitos interiores. A fala quotidiana poderá assim, por via da transferência, investigar formas de subjetivar o pedido, o sintoma e o acting.

A TRANSFERÊNCIA E AS SUAS MÚLTIPLAS MORADAS

Com um setting a céu aberto, modificações profundas vão ser instaladas no nosso cenário clínico. Com o sintoma a residir em múltiplas moradas temos que pensar em como focar a nossa ação! Focamo-nos na modificação das condições do ambiente, com intervenções preventivas diversas, ou apenas no paciente identificado, no sentido de criar condições para que este possa

retomar o seu desenvolvimento suspenso? Intervimos individualmente com cada ator encenado no sintoma? Privilegiamos a escuta e aconselhamento da dupla envolvida? Ou apostamos na consultadoria e formação do grupo? Ouvindo e descodificando as representações intrapsíquicas, intersubjetivas e transubjetivas iremos encontrar o Como, o Onde e o Quando intervir! Iremos investigar as novas formas de psicopatologia e as suas inter-relações com o social.

Com esta ampliação da técnica psicanalítica no palco da comunidade, o conceito de transferência ganhará enfoque. Aqui, a transferência, descrita por Freud como a reedição de um método específico próprio de atualização do desejo e da vida erótica (1912), é considerada de forma bastante particular. Enquanto na dinâmica transferencial do setting psicanalítico tradicional, esta ocorre apenas entre o analista e o analisado, na comunidade o psicanalista será também um observador e um descodificador dos movimentos transferenciais entre os diversos atores que encenam no palco.

Esta mudança na premissa analítica vai permitir investigar o deslocamento da transferência de uma única pessoa para um lugar, para uma família e os seus elementos, uma instituição e os seus profissionais, uma escola e os seus professores e alunos, um bairro e os seus moradores. Neste contexto, a palavra quotidiana poderá encontrar espaços de fluidez, sem estabelecer de antemão um único interlocutor. A transferência será assim desviada para múltiplas moradas. Onde o ator da sinalização e o da identificação poderão ambos se converter em destinatários, depositários do sintoma e da repetição emocional.

Em espaço neutro descontaminado do social, vamos ouvir o presente dos autores e das suas dores. Vamos ouvir o sintoma no espaço e no tempo da geração, do próprio, da família e do grupo e fazer perguntas à realidade que grita por ajuda. O que está a ser lembrado, reproduzido e repetido à espera de ser descodificado? Na dor do identificado que outras dores estão a ser encenadas? Que representações e configurações vinculares existem e que não estão a possibilitar a aliança? Que homeostasia está a ser garantida com o depositar no sintoma deste mal-estar? O que grita o identificado para ser revelado e que não pode ser mais calado?

Tal como no consultório, traduzindo do inconsciente para o consciente,

tentamos trabalhar nas resistências que criam obstáculos ao regresso do reprimido. Tentamos encontrar soluções para o que resiste a Eros, o que impede a relação e a ligação na família, de um pai e um mãe de se ligarem, vincularem e identificarem; na escola, de um professor ensinar e do aluno aprender a explorar o mundo e a natureza. Tentamos criar condições para entender as pré-condições para a formação dos sintomas.

Ao não encontrar a palavra, o sintoma encontra no corpo, através da repetição à compulsão, do deslocamento e da condensação, a possibilidade de marcar o Outro com a esperança de descodificação de uma recordação (Freud, 1912, 1914, 1920, 1926 [1925]). Abrem-se assim múltiplas possibilidades de reatualizar os conflitos psíquicos e encenar os romances familiares (Freud, 1915). Ao representarem cenas comoventes, hostis ou cómicas no palco, os atores não contam simplesmente uma história, vivem e reproduzem os seus sentimentos em ato e, nesse ato, há a possibilidade de reescrever a sua própria história.

O inconsciente vai criar condição para que o reprimido exija satisfação e na impossibilidade de tudo dizer, recalcado e clivado são colocados fora sem constituir disso registo de memória e compreensão. Pela via da transferência revela-se o sintoma (Freud, 1912, 1914). Os conflitos e as resistências na comunidade entre a função e a obrigação do viver intersubjetivo e o desejo e o prazer do viver subjetivo poderão produzir dor no ator. Indagar e descodificar a singularidade engolida pela modernidade onde a subjetividade humana e o potencial crítico do Ser parece estar silenciado é a necessidade! O que travou a vontade espontânea de brincar, amar e de abraçar o Outro e o mundo?

Assim, a cada dia de trabalho na Junta de Freguesia, diante de cada sinalização ou disrupção ocorrida na comunidade a minha escuta clínica abre-se obrigatoriamente para o inédito (Freud, 1919 [1918]). Que novas narrativas, que novas significações, que novas intervenções me vêm bater hoje à porta? Em cada pedido do executivo da Junta, da rede social, das escolas ou dos fregueses pode abrir-se uma nova possibilidade de escuta, de conhecer e compreender a minha paciente – a freguesia.

- Então Freguesia, diga-me lá o que a traz por cá?

REFERÊNCIAS

Branco, E. C. (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Byung-Chul Han (2014). *A agonia de Eros*. Lisboa: Relógio D'Água.

Dolto, F. (1989). *A Dificuldade de Viver*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Focault, M. (2005). *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.

Focault, M. (2005). *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola.

Freud, S. (1912). A dinâmica transferencial. Volume XII – O caso Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos.

Freud, S. (1914). Recordar, Repetir e Elaborar (novas recomendações sobre a técnica de psicanálise II). Volume XII – O caso Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos.

Freud, S. (1915). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica de psicanálise II). Volume XII – O caso Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos.

Freud, S. (1919 [1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. Volume XVII – História de uma neurose infantil e outros trabalhos.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. Volume XVIII – Além do princípio do prazer, psicologia do grupo e Outros trabalhos.

Freud, S. (1921). Psicologia do grupo e análise do ego. Volume XVIII – Além do princípio do prazer, psicologia do grupo e Outros trabalhos.

Freud, S. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. Volume XX – Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos.

Freud, S. (1927). Futuro de uma ilusão. Volume XXI – O mal-estar na civilização e Outros trabalhos.

Freud, S. (1930 [1929]). O Mal-estar na civilização. Volume XXI – O mal-estar na civilização e Outros trabalhos.

Salomão, J. (1969-80). *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes

TITLE

Psychoanalysis in the open skies. So, *Parish*, tell me... *what brings you here?*

ABSTRACT

How does the community introduce itself, how does it speak, and what does it speak about? What social and subjective urgencies are there in my Parish today? In a 20 sq.km office, as is the case of the Parish of S. Domingos de Rana, where should we start our intervention, what ill-beings should be prioritized, and where and how should we intervene? How to reconcile a science characterized by uniqueness and subjectivity, with something broad as a group of people in a given territory? How to understand the applicability of a work method that emphasizes the value of a couple's emotional experience with a more social approach?

With this communication, I intend to reflect on psychoanalysis not only as a clinical approach, but fundamentally as a specific theoretical and technical possibility that can contribute to an understanding and intervention outside the traditional setting. As in the parish there is no couch, the classic analytic setting does not fit, so my psychoanalysis has been the Open Skies.

Keywords: Psychoanalysis; Community Intervention.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

ÂMBITO EDITORIAL

A «Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica e textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e os outros ramos da cultura, da ciência e da arte.

POLITICA EDITORIAL

A AP está empenhada em assegurar a ética na publicação e qualidade dos artigos. Como tal, é esperado que todas as partes envolvidas – autores, editores, revisores e editora – sigam os padrões de comportamento ético definidos internacionalmente.

Os autores devem garantir que o seu trabalho é inteiramente original e, se utilizados trabalhos ou excertos de outros trabalhos já publicados, esse facto deverá ser declarado. A prática de plágio, em qualquer das suas formas, constitui um comportamento anti-ético de publicação e é inaceitável. O

autor correspondente deve garantir que existe um consenso pleno de todos os co-autores na aprovação da versão final do documento e na sua submissão para publicação.

Os editores comprometem-se a avaliar os manuscritos exclusivamente com base na sua mais-valia académica e científica. Um editor não deve usar informações não publicadas nos seus próprios trabalhos, sem o expreso consentimento por escrito do autor.

Os revisores comprometem-se a tratar quaisquer trabalhos recebidos para avaliação como documentos confidenciais. Informação privilegiada ou ideias obtidas através de revisão por pares devem ser mantidas em sigilo e não devem ser utilizadas para proveito pessoal. Os comentários ou correções serão conduzidos de forma objetiva e as observações formuladas serão claras e devidamente argumentadas, para que os autores possam usá-los para melhorar o artigo.

Regemo-nos por um sistema de arbitragem anónima por avaliadores externos (referees), através de um procedimento de Double Blind (duplamente cego): neste processo os intervenientes (autores, revisores e gestores de artigo) são tornados anónimos. O artigo é enviado para dois (ou mais) Pares Revisores, que o examinam e arbitram sobre a sua qualidade. O editor enviará ao autor informação sobre a eventual aceitação para publicação; reformulação e submissão para nova avaliação por pares; ou não aceitação. No caso de reformulação, os autores receberão os pareceres e recomendações dos Pares Revisores e deverão proceder às alterações recomendadas.

Os autores autorizam a AP a guardar a informação relacionada com o artigo (textos e dados de identificação dos autores). Estes dados podem ser apagados mediante solicitação do autor(es) por email enviado à revista.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

– Todos os artigos apresentados à Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica deverão ter um Título, um Resumo, a descrição dos

Autores, um corpo de texto e Referências Bibliográficas. O artigo terá que ter Título e Resumo em português e em inglês.

– Os resumos deverão ter entre 150 e 200 palavras e deverão ser seguidos de quatro a seis palavras-chave.

– Os autores (num máximo de seis), devem ser identificados com o nome, instituição(s) onde exercem, funções e os contactos (morada, e-mail e telefone).

– Os artigos não deverão ultrapassar as 15 páginas (salvo algumas exceções), já incluindo referências, notas, tabelas, e figuras. Os últimos três elementos deverão ser evitados, exceto quando forem indispensáveis para a compreensão do texto.

– Só são aceites notas de rodapé na primeira página do artigo relativas ao título e à identificação do autor.

– Todas as outras notas, devem ser apresentadas apenas quando forem consideradas essenciais.

– As fotografias, figuras, esquemas e gráficos devem ter um título e ser enumeradas por ordem de inclusão no texto.

ORGANIZAÇÃO FORMAL DOS ARTIGOS

Primeira página

1. O título do artigo, que deverá ser conciso;
2. O nome do autor ou autores (devem usar-se apenas dois ou três nomes por autor);
3. O grau, título ou títulos profissionais e/ou académicos do autor ou autores;
4. O serviço, departamento ou instituição onde trabalha(m).

Segunda página

1. O nome, telefone, endereço de correio eletrônico e endereço postal do autor responsável pela correspondência com a revista acerca do artigo;
2. O nome, endereço de correio eletrônico e endereço postal do autor a quem deve ser dirigida a correspondência sobre o artigo após a sua publicação na revista.

Terceira página

1. Título do artigo nas línguas necessárias (Português/Inglês);
2. Resumo do artigo nas línguas necessárias;
3. Quatro a seis palavras-chave nas línguas necessárias;

Páginas seguintes

As páginas seguintes incluirão o texto do artigo, devendo cada uma das seções em que este se subdivide começar no início de uma página.

TRATAMENTO EDITORIAL

Os textos recebidos são submetidos a um processo de validação administrativa. Os textos que estejam de acordo com as normas são identificados por um número. Será considerada como data de recepção do artigo o último dia de recepção da versão eletrônica do artigo e dos anexos necessários. Os artigos aceites serão distribuídos a um editor responsável, que fará uma apreciação sumária e apresentará o artigo em reunião dos Co-Editores.

Os artigos que estejam de acordo com as normas e que se enquadrem na missão da revista entrarão num processo de revisão por pares. Aos revisores será pedida a apreciação crítica de artigos submetidos para publicação.

Essa avaliação incluirá as seguintes áreas: atualidade, fiabilidade científica, importância clínica e interesse para publicação do texto. De forma a garantir a isenção e imparcialidade na avaliação, os artigos serão enviados aos revisores sem a identificação dos respetivos autores e cada artigo será apreciado por dois. Caso exista divergência de apreciação entre revisores, os editores poderão convidar um terceiro revisor. A decisão final sobre a publicação será tomada pelo editor chefe com base nos pareceres dos revisores. As diferentes apreciações dos revisores serão integradas pelo editor responsável e comunicadas aos autores. Os autores não terão conhecimento da identidade ou afiliação dos revisores ou do editor responsável.

A decisão relativa à publicação pode ser no sentido da recusa, da publicação sem alterações ou da publicação após modificações. Neste último grupo, os artigos, após a realização das modificações propostas, serão reapreciados pelos revisores originais do artigo. Desta reapreciação resultará uma apreciação final por parte do editor responsável e a decisão de recusa ou de publicação, da qual os autores serão informados.

REGRAS DE CITAÇÃO E DE REFERENCIAÇÃO

As regras de citação e de referenciação devem ser elaboradas de acordo com as normas sugeridas pela A.P.A. (American Psychological Association).

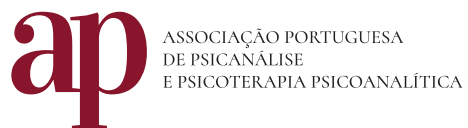
CORRESPONDÊNCIA EDITORIAL E SUBMISSÃO DE TEXTOS

Revista de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica “Se..., Não...”

Largo do Andaluz, n. 15, 2-Esq

1050-004 Lisboa

Tel.: 913 906 073 * revista.psicanalise.ap@gmail.com



Órgão oficial da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP)

Email: ap.psicanalise@gmail.com

Site: www.apppp.pt

Tm: 913906073

Largo do Andaluz 15 - 2º Esq. 1050-004 Lisboa